

## NOTAS E RECENSÕES

### A SERTÃ: PEQUENO CENTRO NA ÁREA DE XISTO DA BEIRA BAIXA

A área de xisto do centro do País, profundamente entalhada pelo Zêzere e pelos seus afluentes, é singularmente desprovida de núcleos urbanos e só tarde se abriu a novas vias de comunicação (fig. 1).

É conhecida a pobreza dos solos formados nesta rocha, dissecada num mar de cabeços que, multiplicando os pendores, reduz a espessura deles a dimensões esqueléticas. Por isso, o povoamento, em unidades numerosas mas sempre modestas, acompanha o fundo dos vales e as *beiradas* dos ribeiros, aproveita uma ou outra rechã e apenas se desenvolve nos alvéolos tectónicos ou erosivos — sítios de eleição tanto da policultura regadã como do olival, onde se encontram as maiores povoações.

A ocupação agrária é assim descontínua e insular, em manchas ou faixas, herdadas de arroteias que exploraram o menos miserável desta terra pobre. Cabeços e encostas ficaram de charneca, em que, por selecção das espécies comestíveis pelo gado, predomina a esteva, com a sua resina odorante no tempo quente e, na Primavera, as grandes flores brancas, duma beleza intensa mas efémera. No princípio deste século, por iniciativa dos camponeses e antes que a intervenção do Estado lhes confiscasse os baldios, o pinhal veio a cobrir estas terras sáfaras, até então frequentadas por cabreiros e carvoeiros. Hoje afoga de tal modo os âmbitos cultivados que o povoamento tomou uma enganadora aparência de resultar de recentes arroteias. Moderno é ele na verdade, como o mostram a pobreza de monumentos do passado e a enorme maioria de topónimos explicáveis pela língua actual. Como a terra utilizável cedo ficava saturada, as povoações desenvolveram-se, antes multiplicando-se do que crescendo e, em nenhum lugar, o complemento de *Cimeiras, do Meio* e *Fundeiras* ocorre com tal frequência. Quando um lugarejo alcançou a saturação, desdobrou-se ou tresdobrou-se; mas, por toda a área, os homens válidos e de iniciativa trocam a terra pela cidade e alimentam largamente a corrente emigratória. Aos seus ganhos se deve a aparência renovada de algumas casas.

Percorreram outrora esta área de xisto caminhos de almocreves, que atravessavam a Cordilheira Central, pela maior parte caminhos de ferradura e não carroçáveis, que atraíam parte do seu tráfico para o

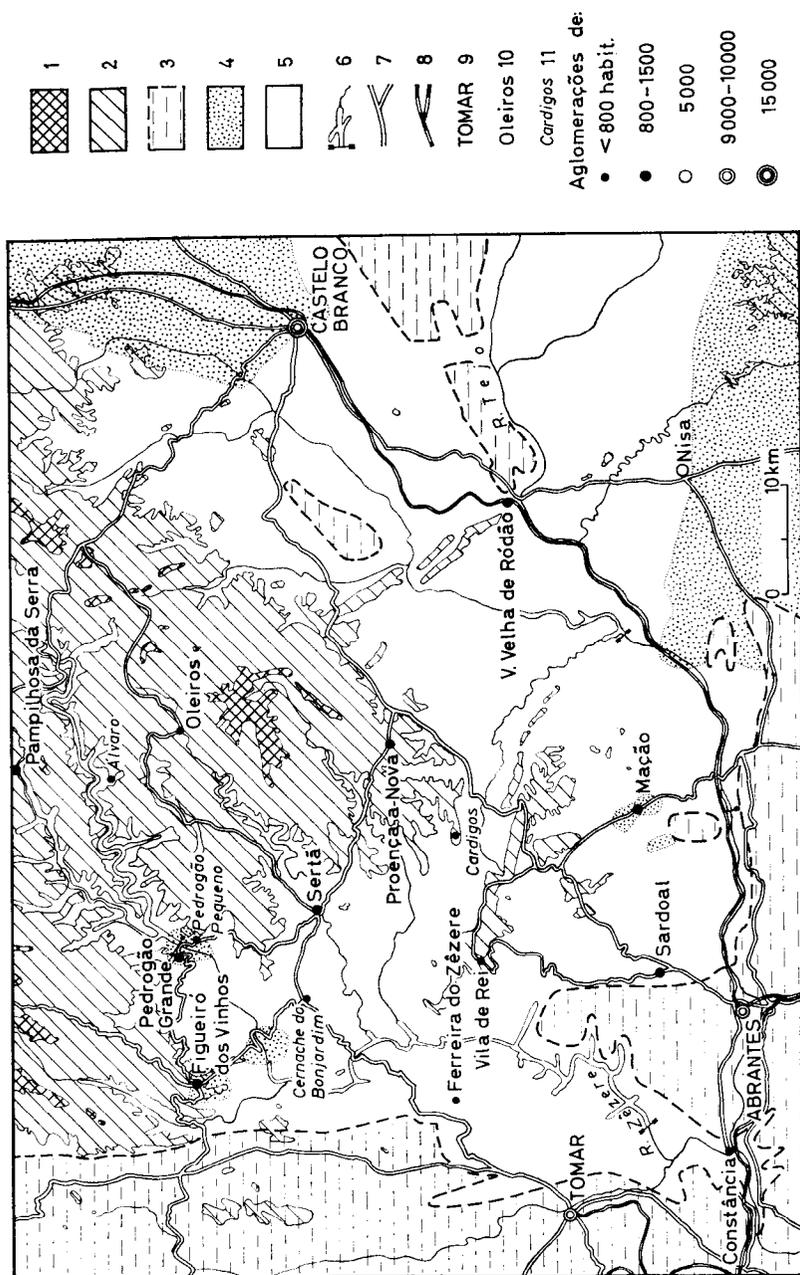


Fig. 1 — A posição da Sertã. 1 — Áreas acima de 800 m; 2 — áreas de 400 m a 800 m; 3 — terrenos da orla sedimentar, incluindo a cobertura de *rañas*; 4 — surgências de granito; 5 — terrenos onde predomina o xisto; 6 — cursos de água e albufeiras; 7 — estradas principais; 8 — caminhos-de-ferro; 9 — cidades; 10 — vilas sedes de concelho; 11 — vilas cujo concelho foi suprimido (apenas na área próxima da Sertã).

Mondego, cujo extremo da navegação — a Raiva — punha em comunicação pelo rio a Covilhã com Coimbra e a Figueira da Foz. Por outro lado, até à abertura do caminho-de-ferro da Beira Baixa (1889), a saída natural das planuras cerealíferas, pastoris e produtoras de azeite de Castelo Branco era o Tejo, quer pelo porto fluvial de Vila Velha de Ródão, de utilização intermitente (estiagens baixas, cheias tumultuárias) e onde os barcos eram muitas vezes puxados à sirga, quer por Abrantes, donde se navegava facilmente até Lisboa. Quando se empreendeu a rearborização mais densa de todo o País, os troncos de pinho desciam em jangadas pelo Tejo e pelo Zêzere até aos portos de embarque ou lugares de destino. Constância, na confluência, ameaçada pelas cheias daqueles dois rios, que, uns anos por outros, alagam o seu largo principal até à altura dos primeiros andares, foi um pequeno porto fluvial activo, principal saída do vale do Zêzere e uma das escalas do Tejo mais animadas. A jusante de Abrantes a paisagem abre-se na larga bacia sedimentar e nas margens do rio floresceu a cadeia de grandes vilas ribatejanas, alimentadas em parte pelo tráfico fluvial, até ao estuário, que de todas constituiu a natural saída.

O isolamento da área de xisto e a sua pobreza explicam, entre Castelo Branco e Tomar, não só a ausência de cidades, mas a mediocridade das pequenas e pobres vilas sedes de concelho — mesmo depois da concentração que alguns sofreram com as reformas administrativas do Liberalismo. Estão neste caso Pampilhosa da Serra, Pedrogão Grande, Proença-a-Nova, Vila de Rei, Ferreira do Zêzere ou, entre os municípios extintos, Pedrogão Pequeno, Alvaro, Cardigos e Cernache do Bonjardim, por exemplo. Uma única vila faz excepção, pela aparência do comércio e a animação dos mercados: a Sertã. Vale a pena dedicar breve análise à estrutura e às funções que lhe conferem, no conjunto da área, modesto relevo (fig. 1).

A sua posição é típica: na confluência das ribeiras da Sertã e de Amioso, num esporão entalhado por um valeiro que isola um sítio escarpado e defensável, onde se vêem as ruínas desfiguradas dum castelo medieval. Em torno dele se desenvolveu a vila: a convergência de várias linhas de água, a montante dum bloco levantado por falha, criou, mais do que um simples local de confluência, um alvéolo de meandros abandonados, com aluviões, riqueza de águas e abrigo natural, propícios à agricultura. Nesta base rural estará o primeiro estímulo de certa prosperidade que, avantajando a vila às demais da sua área, a transformou num pequeno nó da vida de relação (fig. 2 e est. I, A).

O desenvolvimento da Sertã é dominado pela Ordem do Hospital. D. Sancho I concedeu-lhe, em 1194, a terra de *Guidimtesta* <sup>(1)</sup>, que ia desde o Zêzere (Pedrogão Pequeno) até ao Tejo e compreendia alguns tractos ao sul do rio, alargados com a doação do Crato em 1232, onde os freires se obrigaram a levantar castelo e povoação. Estas extensas terras, de que Belver, poderosamente fortificada, foi o primeiro centro, haviam de formar o Priorado do Crato, dividido em quatro alcaidarias:

<sup>(1)</sup> RUY DE AZEVEDO, in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Lisboa, t. I, 1937, p. 42.

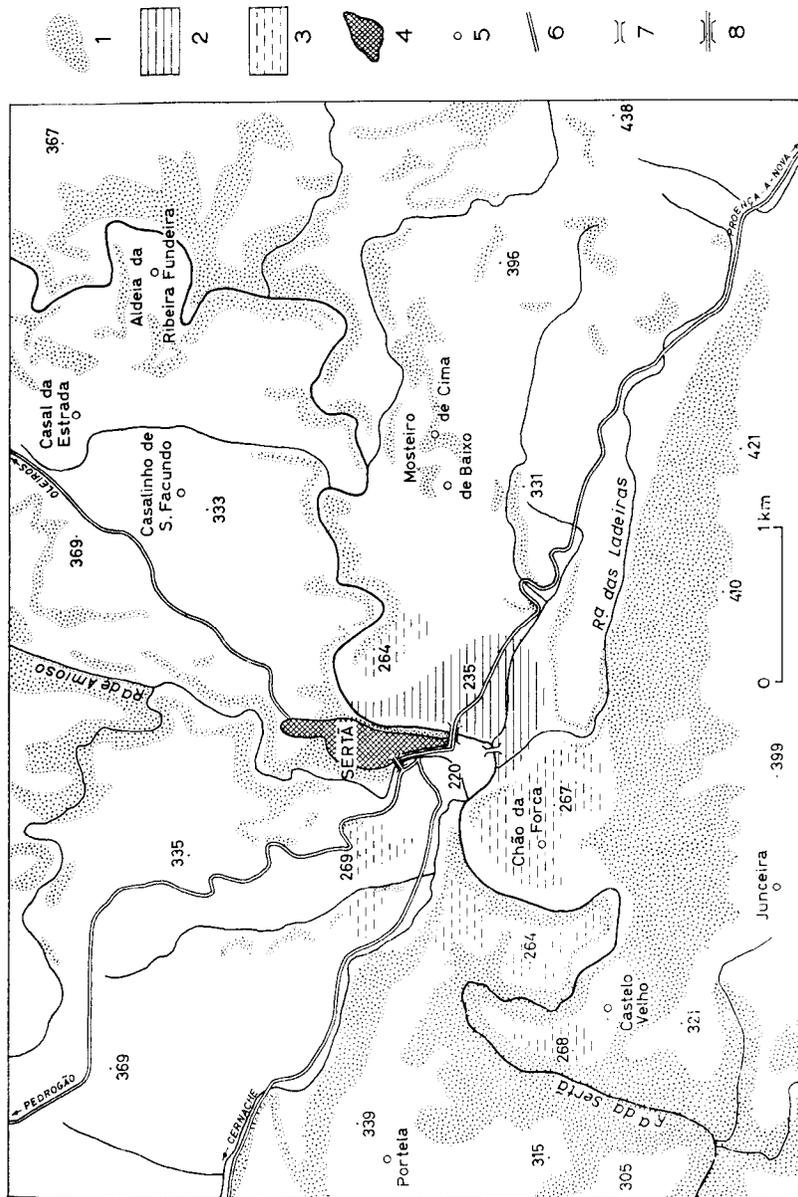


Fig. 2 — O sítio da Sertã. 1 — Encostas com mais de 20° de pendor; 2 — meandros abandonados; 3 — restos de aplanções fluviais; 4 — vila da Sertã; 5 — aldeias e lugares; 6 — estradas; 7 — ponte antiga, sem estrada; 8 — pontes modernas.

Sertã, Belver, Amieira e Crato. Segundo o foral da Sertã de 1513 <sup>(2)</sup>, concedido por D. Manuel, pertenciam à Ordem as moendas de azeite nos rios que correm junto à vila; os maninhos eram, pela maior parte, do concelho, excepto os que fossem foreiros à Ordem; a ela cabiam também o gado de vento (tresmalhado e sem se lhe saber o dono), os fornos de pão da vila, com a condição de os terem «em abundância e bem aparelhados», o relego ou direito exclusivo de vender o seu vinho do Domingo de Ramos até à Ascensão. No fim do século XVIII, Sertã era a alcaidaria de maior rendimento, em dinheiro, trigo, centeio, azeite, uvas, vinho e cera, o que parece indicar a relativa importância desta vila e seu termo. Nele possuía a Ordem 255 casais redondos (um só prédio) e acourelados (de várias courelas), donde provinham esses rendimentos.

No espaçoso recinto do castelo, levantado pelos Hospitalários, ficava a primeira igreja matriz, residiam o alcaide-mor e alguns moradores e havia um armazém onde a Ordem recolhia os foros em géneros; no século XVIII estava ele já pela maior parte arruinado e hoje apenas se conserva, muito desfigurada e no meio de casas, uma das suas torres. Entre os avultados rendimentos do alcaide-mor figuravam as portagens de Sertã e de Pedrógão Pequeno (lugar de passagem para o norte do Zêzere) e todos os fornos de pão da vila, onde ninguém os podia erguer sem sua licença.

Em torno da colina do castelo, escarpada sobre a várzea da Ribeira da Sertã, se alojou a vila medieval, separada por um barranco doutro núcleo, que se veio a desenvolver depois, à sombra da Colegiada e da Misericórdia.

A Colegiada parece ter sido criada nos meados do século XVI, e para ela se refez a igreja, no lugar doutra levantada em 1442. A essa época parece corresponder a sua traça arquitectónica, acrescentando-se em seguida a rica decoração: ampla e formosa, de três naves, com arcos góticos nos tramos, silharias de azulejos do século XVII, tecto de caixão com pintura e altares de boa talha. Só uma época de prosperidade explica a relativa imponência deste templo. O cadeiral de ambos os lados do altar-mor reservava-se aos eclesiásticos que, com o vigário da vara, faziam o serviço religioso: oito beneficiados, um tesoureiro e um organista-cantor; os ofícios e horas canónicas celebravam-se com pompa, pois havia ainda quatro meninos de coro e seis «merceiras» <sup>(3)</sup>, viúvas idosas que deviam assistir diariamente à missa. Além de dinheiro, todos recebiam trigo, centeio, uvas, vinho, azeite; a maior quantidade de trigo que de centeio parece indicar que aquele cereal prevalecia; no século XVII, o milho parece completamente desconhecido; a sua divulgação faz-se nos meados do século XIX e deve ter sido muito rápida, passando a cereal mais cultivado.

A nova igreja, que veio a servir de Matriz, construiu-se deste lado e não no núcleo medieval, apinhado em torno do castelo, certamente

<sup>(2)</sup> P.<sup>o</sup> ANTÓNIO LOURENÇO FARINHA, *A Sertã e o seu Concelho*. Lisboa, 1930, 200 pp. Deste livro extraí todas as notas eruditas que não levem outra indicação.

<sup>(3)</sup> Que recebem pensão ou mercê para cumprirem uma intenção piedosa.

para maior desafio: «tem à entrada uma fermosa lameda de carvalhos (um deles de extraordinária grandeza), que fazem aquele sítio mui alegre e vistoso». Parte deste adro ainda se conserva, deitando para soalcos com olival; numa das saídas, por onde se desce para a rua principal, construiu-se a pequena igreja da Misericórdia, com hospital anexo (1754). Não se conhece a data da fundação da Misericórdia; nela se incorporou, em 1547, o hospital da vila, que parece datar dos primórdios do povoamento. Viveu sem dúvida com certo desafio na época em que se construiu o edifício ainda conservado. Com a desamortização, a desvalorização dos títulos da dívida interna em que se converteram as suas rendas e a má administração, declinou a Misericórdia e restringiu-se muito a sua acção beneficente. O desenvolvimento desta área foi tardio e incompleto: ainda se nota a penetração do campo e é menor o número de travessas que descem para a rua principal.

Em 1635 fundou-se um convento de Capuchinhos nos arredores. A uma classe eclesiástica considerável acrescentavam-se os oficiais da justiça e do concelho (cerca de 18), capitão-mor, sargento-mor e sete companhias de ordenanças, entre a vila e o termo. Este era abundante em cereais (centeio e trigo), vinho, azeite, frutas, castanha, gado e caça <sup>(4)</sup>; o pinhal ainda não é mencionado. Havia assim um aro vasto e produtivo e uma classe de notáveis relativamente numerosa.

A Sertã (fig. 3) constituiu-se, assim, em torno de dois pontos de cristalização: na Idade Média o Castelo, nos séculos XVI-XVII a Colegiada e a Misericórdia. Nos fins do século XIX abriu-se, construiu-se e regularizou-se a rua que havia de tornar-se o principal eixo de comércio e de comunicação da vila. Muito recentemente, sob o impulso de qualquer influente local, levantaram-se, na extremidade norte e perto da Matriz, os imponentes edifícios da Câmara Municipal e do Mercado. A Rua Direita (hoje Rua de Serpa Pinto) constituiu sem dúvida o eixo do elemento que primeiro se formou, atravessando-o quase por completo. Conserva, além da lembrança do nome, certos elementos de centralidade: o antigo largo da Câmara com o pelourinho (Praça Velha), a Igreja do Espírito Santo (século XVI), o posto da Guarda Nacional Republicana, a sede do Grémio do Comércio (que significativamente agrupa os concelhos próximos da Vila de Rei, Oleiros e Proença-a-Nova), a agência do único banco que existe para os mesmos concelhos, uma casa de pasto, algumas lojas. A rua é vagamente alinhada e, correndo pela lomba, tem, dum lado, apenas uma fiada de casas sobranceiras à escarpa do rio: do outro lado descem travessas tortuosas, por vezes em escadaria, para a rua que se tornou o principal eixo de comércio e de circulação.

A chamada Rua do Vale (hoje de Cândido dos Reis) teve origem rural: um barranco que, na lembrança dos velhos, estava coberto de castanheiros (est. I, B). Vai desde o Largo do Chafariz ou Praça Nova (hoje Praça da República), na extremidade superior, começado a urbanizar por 1889, até ao Fundo da Rua do Vale, alargamento onde fica a ponte sobre a Ribeira de Amioso e passa a estrada que, por

<sup>(4)</sup> P.<sup>o</sup> A. CARVALHO DA COSTA, *Corografia Portuguesa* (2.<sup>a</sup> ed.), Braga, 1868, t. II, pp. 37-388. O texto, geralmente rico de informação, é do final do século XVII.

Cernache do Bonjardim e Figueiró dos Vinhos, conduz a Coimbra e, por Proença-a-Nova, a Castelo Branco — a cidade mais próxima, centro comercial e capital do distrito a que pertence a Sertã. Toda construída, com prédios pouco antigos, está hoje largamente afectada à função comercial. As lojas ocupam a enorme maioria dos rés-do-chão e, nos dias e horas de afluência ao mercado e às feiras, percorre-a um autêntico rio humano. O contraste entre este eixo comercial e a restante distribuição das lojas, o carácter central e de passagem obrigatória entre os pontos principais da vila, fazem dela uma espécie de *rua direita* «funcional», tendo a velha Rua Direita conservado debilmente os seus caracteres tradicionais. Isto parece-me indicar tanto a modernidade da Rua do Vale como o carácter recente do surto comercial da Sertã, centro que adquiriu certo relevo num conjunto de vilas modestíssimas e de aldeias e lugares muito pobres.

Um terço desse comércio destina-se às necessidades quotidianas: sete tabernas (uma com casa de pasto), três mercearias, dois barbeiros, uma farmácia (a outra no largo próximo), três cafés (os únicos que existem na terra), um deles também

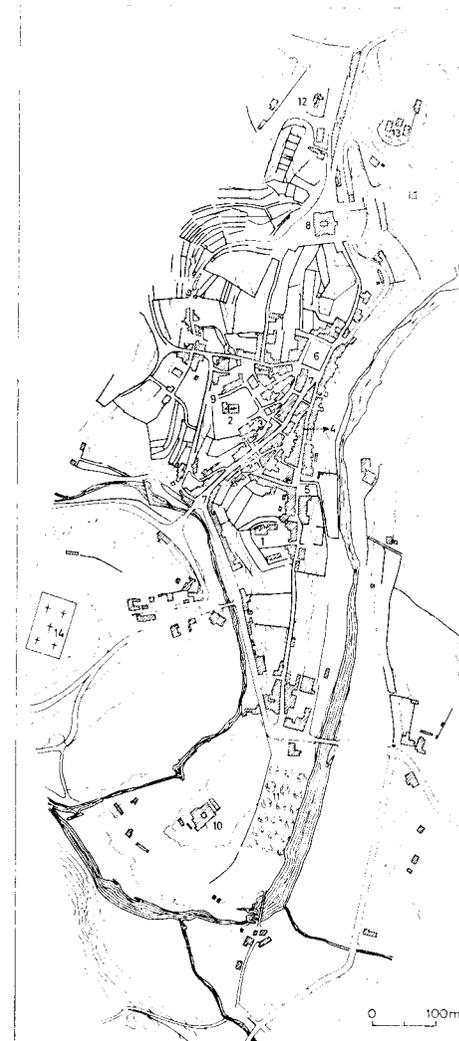


Fig. 3 — Planta da Sertã. 1 — Castelo; 2 — Igreja matriz; 3 — Misericórdia; 4 — Rua Direita; 5 — Largo da antiga Câmara; 6 — Largo do Chafariz; 7 — Rua do Vale; 8 — Câmara Municipal; 9 — Mercado (local aproximado da implantação do edifício que ainda não figura na planta); 10 — Convento; 11 — Alameda; 12 — Largo de São Marcos; 13 — Hospital; 14 — Cemitério.

com pastelaria, uma padaria, nenhum lugar de hortaliça, nenhum talho, o que se explica pela venda de pão, de verduras e de carne nas lojas do mercado próximo. Dois terços correspondem às necessidades ocasionais e dão a esta rua a típica fisionomia dum *çug* ou mercado permanente, que funciona em cheio apenas nos dias de mercado e de feira: predominam as lojas de panos e roupa (6), uma associada a camisaria, outra a quinquilharia, outra a malas; uma sapataria apenas, sendo o calçado, a roupa feita e os panos de qualidade inferior largamente vendidos no mercado; a quinquilharia e louças têm também representação (7), havendo ainda uma loja especializada em artigos de alumínio e pequenos utensílios para o trabalho do campo; outra vende instrumentos agrícolas, especialmente para a resinagem e corte do pinheiro. O artesanato está representado por um latoeiro; há ainda duas casas de móveis, uma cesteria e somente dois armazéns: um de adubos e vinho em garrações, outro de cimento e materiais de construção. Comércio mais especializado, raro no mundo rural: relojoaria, retrosaria, papelaria e livraria, loja de fogões a gás *Cidla* que, um pouco por toda a parte, desde que o camião distribuidor consiga romper pelos velhos caminhos, vai substituindo o lume tradicional de lenha e carvão. Há ainda, bem à vista na estrada de passagem, uma pensão-restaurante-café (outro restaurante na Rua Direita, uma casa de pasto-taberna e mais os dois cafés citados na Rua do Vale). Dando para a estrada, o estabelecimento mais aparatoso (Auto-Sartago) com fogões a gás *Cidla*, máquinas agrícolas e acessórios de automóvel. Um ou outro destes estabelecimentos modernizou-se e tomou aparência urbana: o que acabo de referir, dois cafés, a papelaria, a camisaria, uma loja de louças, outra de panos e oleados. Sente-se nesta renovação a influência da cidade próxima, em cujo centro o comércio é moderno e vistoso. Este eixo comercial ultrapassa muito as necessidades locais, nele se abastece a retalho uma larga clientela rural e, por atacado, os negociantes doutras vilas e das aldeias da região. O valor das transacções justifica a existência da agência dum banco, enquanto nos concelhos limítrofes apenas há comerciantes que exercem as funções de correspondente bancário.

Mesmo assim, a Sertã é uma vila pequena e imobilizada (1100 habitantes em 1911, 1300 em 1940 e 1960), sangrada pela emigração, como toda a área onde se implanta. Todas as outras vilas próximas têm menos população e estão igualmente imobilizadas: Vila de Rei, com 350 habitantes, Ferreira do Zêzere, com 490, Oleiros com 640, Pampilhosa da Serra com 900, Proença com 940. Pedrógão Grande, numa rechã granítica do Zêzere, tem 1040 habitantes, mas nada se desenvolveu com a barragem; Figueiró dos Vinhos, noutra rechã, 1050; a relativa vantagem dos afloramentos graníticos entre xisto e das áreas menos dissecadas a que dão origem explica a localização destas vilas, mas a policultura minuciosa e antiquada e as grandes manchas de pinhal não bastam a promover-lhe o desenvolvimento; apenas Mação, com 1300 habitantes, depois de perder população, revela um pequeno surto: se se pode comparar à Sertã pelo número de habitantes, o seu comércio é



EST. I, A — A vila, do lado oriental, domina por um abrupto a Ribeira da Sertã. Ao fundo a encosta, arborizada com pinhal, que fecha, ao sul, a pequena bacia.



EST. I, B — A Rua do Vale, principal eixo de comércio e de circulação da vila.

reduzido. A Sertã ocupa assim, entre todas as vilas próximas, uma posição singular.

O mercado, para que se construiu (1965) um edifício aparatoso em dois pisos, perto da igreja matriz, funciona todos os dias para pão, carne (3 talhos) e hortaliças; às quartas e sábados também se vendem peixe, ovos, batatas, hortaliças e fruta; mas o dia de maior força é o sábado, com tudo isto e ainda queijos. Nesse dia, os produtos trasbordam do edifício, armam-se barracas e estendais de quinilharia, calçado, roupa feita e mostruários de ouro, forma tradicional de colocação das modestas economias do camponês. Além das carreiras habituais, várias camionetas extraordinárias trazem os camponeses à vila, tanto à praça como ao «mercado permanente» da Rua do Vale. Ao meio dum dia de sábado, o movimento e a animação impressionam: muitas mulheres passavam com os cabazes aviados ou esperavam no Fundo da Rua do Vale a hora de saída de meia dúzia de camionetas que estacionavam no largo fronteiro. Aproveita-se esse dia para tudo o que se pode fazer na vila: pagar as décimas, ir ao médico, até rezar e confessar-se na igreja matriz.

As feiras, como é de regra, fazem-se em espaços desafogados na extremidade da vila. Na Carvalha, espécie de parque plantado geometricamente de carvalhos, no ângulo da confluência dos dois cursos de água, junto da ponte antiga sobre a Ribeira da Sertã, que deixou de ter serventia, fazem-se a feira de gado no primeiro sábado de cada mês, a de São Pedro (29 de Junho) e a de 15 de Outubro; a 15 de Janeiro, nos Passos (festa móvel), a 27 de Julho (São Neutel), fazem-se feiras no Largo de São Marcos, junto da capela que marca a outra extrema da povoação: vasto campo onde se levantam, entre socalcos de cultura, alguns edifícios modernos, principalmente os Paços do Concelho (remodelados em 1968), que dominam o casario pela sua imponência, mas onde não há, em torno, habitações. Na economia tradicional, a feira de Outubro chamava-se *feira das varas*, porque então as compravam para o varejo da azeitona; a mais importante, pelo volume das transacções, era a de Janeiro, a seguir à safra e depois de vendido o azeite, produzido por pequenos proprietários de quem, para além da modesta policultura de subsistência, era o ganho principal. Hoje só o pinhal dá dinheiro que se veja.

A que deve a Sertã este surto comercial, que produto lhe deu o arranque, o que a imobilizou em seguida? O azeite, muito antigo na região, mas em pleno desenvolvimento quando as estradas permitiram a sua entrada, em larga escala, nos circuitos comerciais. No começo do século plantaram-se muitos olivais e houve uma verdadeira euforia relativamente à produção de azeite. Hoje, com as exigências de mão-de-obra, a apanha manual (directa ou por varejo), a subida do preço e a larga concorrência que lhe fazem outros óleos comestíveis mais baratos, a oliveira, salvo em algumas grandes plantações destinadas à obtenção dum produto de qualidade e, portanto, de venda e de utilização restrita, é uma cultura sem esperança. Por toda a parte se plantaram olivais, nos terrenos mais pobres e pedre-

gosos, nas encostas mais íngremes. Por toda a parte também começam a aparecer árvores mal tratadas e a muitas delas, nos lugares menos acessíveis, ninguém já apanha o fruto. Com o desenvolvimento do olival, talvez um pouco mais tardio, coincidiu o do pinheiro bravo, explorado, desde que haja caminhos de acesso, para resina e madeira. Pequenas fábricas de serração e de resinação encontram-se espalhadas por toda a parte e algumas abrem, no débil horizonte de trabalho dos lugarejos do xisto, novo sector de actividade. Por caminhos velhos ou por estradas inacabadas, os camiões vão recolher a resina e os toros de pinho aos lugares mais distantes. São os produtos do pinhal que, na economia de hoje, tomaram o papel do azeite, que, depois de vendido, avolumava o negócio na feira seguinte à safra. Uma loja da Rua do Vale vende especialmente as serras e utensílios de resinação. O pinhal, entre cuja caruma despontam as pólãs de sobreiros, carvalhos e castanheiros, veio reconstituir, em proveito duma espécie dominante (às vezes associada ou intervalada de eucaliptos), a antiga floresta natural, degradada em charnecas por cabreiros e carvoeiros. Mas a terra é irremediavelmente pobre enquanto a agricultura permanecer actividade exclusiva ou preponderante. Para mais, agricultura sábia e minuciosa, mas difícil e improgressiva, exigindo muita mão-de-obra na sua quase jardinagem e não produzindo nada de autêntico valor comercial. Por isso, desde que as vias de comunicação modernas abriam os caminhos da esperança, estas terras de xisto alimentaram a corrente que sai para as cidades (principalmente Lisboa) e para o estrangeiro. A Sertã, com o seu comércio vultoso mas sem dinamismo, modesta vilória entre outras que são pouco mais que aldeias (e não muito grandes), é um símbolo: símbolo duma civilização agrária que agoniza, dum campo onde o excedente demográfico não cabe, duma vasta área cujo isolamento não atraiu a indústria — que poderia ser, para esta agricultura de miséria, o declínio e a redenção.

*ORLANDO RIBEIRO*